

# Pessoal do Faroeste



Foto: Lenise Pinheiro

A Cia Pessoal do Faroeste completa 18 anos de criação em 2016, na cidade de São Paulo, com o objetivo de realizar trabalhos artísticos que reflitam momentos históricos da sociedade brasileira, de modo a produzir intervenções que valorizem a cidade, o centro de São Paulo e a relação de pertencimento com essa região. Depois de oito anos de enredos e sonhos escolhemos nossa sede no bairro da Luz, na “Cracolândia”, na Rua do Triunfo, na Boca do lixo. É aqui que construímos nossos projetos e damos nossa contribuição política e social para a região. Em 2013 criamos a Residência Artística Amarelinho da Luz (antigo ateliê da artista Maria Bonomi), onde dez coletivos ocupam e compartilham o espaço em uma experiência inédita da cidade.

# Por que participar?

Ao apoiar a Cia Pessoal do Faroeste você:

1. Valoriza a diversidade cultural como elemento de fortalecimento de uma sociedade.
2. Investe na arte como forma de transformação social.
3. Considera a atividade cultural como autoconhecimento e elevação de autoestima, essenciais para o exercício da cidadania.
4. Acredita no teatro e cinema como meio efetivo de formação de cidadania e da importância de seu papel social na transformação da sociedade.
5. Ajuda a requalificar a região da Luz, em especial a Rua do Triunfo antigo pólo da produção cinematográfica de São Paulo.



Intervenção Urbana Luz e Sombra – Foto:Rodrigo Reis

CIA PESSOAL DO  
**FAROESTE**

ARTES CENICAS  
TEATRO  
CINEMA

# Objetivos Gerais

1. Inclusão da cultura na agenda do desenvolvimento social.
2. Valorização das manifestações culturais como fator de consolidação da identidade de um povo.
3. Cultura como elemento de promoção de qualidade de vida.
4. Cultura como elemento que cria e recria a própria existência humana.
5. Teatro e Cinema com ferramenta de educação, expressão e arte.
6. Promover o acesso às expressões culturais e artísticas que valorizem e fortaleçam o ser cidadão em sua formação, e na formação de uma sociedade crítica e atuante.
7. Promover o resgate das memórias da região do centro de São Paulo.



Intervenção Ciclo de Olhares – Foto:Rodrigo Reis

CLA PESSOAL DO  
**FAROESTE**

# Histórico da Companhia

Em **2014** o Pessoal do Faroeste completou 17 anos. A Cia tem tido como fonte de pesquisa a vida social e política do povo brasileiro por meio de seu imaginário popular e de sua cultura, e com um olhar especial à cidade de São Paulo, especificamente o centro, onde tem a Sua sede Luz do Faroeste.

## 1998

“Um Certo Faroeste Caboclo” Prêmio Teatro Jovem Coca-Cola Melhor Direção: Paulo Faria; Melhor coreografia (Luis Miranda). Foi indicado ainda para Melhor Espetáculo, Melhor Música e Melhor Texto. Indicado ao Premio APETESP nas categorias Atriz (Lucia Romano) e Música (Eliseu Paranhos e Mauricio Pereira). Em 1999 "Um Certo Faroeste Caboclo" Prêmio Funarte na Cidade. Excursionou pelas cidades: Fortaleza, Terezina, Belém e Manaus, Circulou ainda por 6 cidades do Interior de São Paulo.

## 1999

“Rei dos Ventos”, o musical estreou no CCSP.

## 2000

“Sabiá”. Integrou as Viagens Teatrais do SESI. Excursionou por 5 cidades do Interior de São Paulo, espetáculo. Através do Caravana Paulista de Teatro/Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, excursionou por 8 cidades do Interior de São Paulo, espetáculo Projeto Jovem Protagonista/Secretaria da Educação do Estado. E na segunda fase do projeto, levou 4.000 alunos da rede pública, ao Instituto Cultural Capobianco. Através do mesmo projeto o espetáculo também foi assistido em 2 anos por mais de 50.000 pessoas no interior de São Paulo. O espetáculo ficou 6 anos em cartaz

## 2001

“A Mulher Macaco” Paulo Faria recebeu Primeiro Lugar no Concurso Nacional de Dramaturgia Plínio Marcos/Secretaria Estadual de Cultura,2000. Inaugurou e manteve parceria com projeto de ocupação cultural por 2 anos com o atual Instituto Cultural Capobianco. Foi contemplado pelo Prêmio EnCena Brasil. Patrocinado pelo Grupo Construção via Lei Mendonça.



# Histórico da Companhia

## 2002

“Re-bentos” foi selecionado pelo 1º Edital de Fomento ao teatro Para a Cidade de São Paulo 2002/03, tratava dos cortiços e da “cracolândia” e inicia o estudo sobre o centro da cidade. Estreou no hoje Instituto Cultural Capobianco.

## 2003

“Índio” Estreou no Teatro Alfa. Participou da Mostra de Teatro de São Paulo, projeto Escola aberta, Recreio nas Férias e Circuito CEUs entre 2003 a 2006. O espetáculo ficou 4 anos em cartaz.

## 2006

“Os Crimes de Preto Amaral” 8º Edital de Fomento ao teatro Para a Cidade de São Paulo em 2006. Inaugura sua primeira Sede Luz do Faroeste na Cleveland, 677, em Campos Elísios. Neste endereço iria permanecer por 6 anos e desenvolve a “Trilogia Degenerada”.

## 2007

“Eduardo, Monica, Renato eteceteretal” estreou no Teatro Eleny Guariba e circulou pelo interior de SP através da Virada Cultural da Secretaria de Estado de Cultura.



## 2008

“Labirinto Reencarnado” 10º Lei de Fomento ao Teatro a Cidade de São Paulo. PROAC Ação Cultural/Secretaria do Estado de Cultura, Circulação pelo Interior do Estado de SP.

## 2009

“Ibejis”. Edital PROAC Ação Cultural do Estado SP. Viagens Teatrais do SESI. Mostra Teatro nos Parques. Temporada no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes. Foi indicado a Melhor Espetáculo Infantil no Prêmio CPT. Temporada no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes. Ainda permanece em circulação.



# Histórico da Companhia



## 2010

Trilogia Degenerada: Re-Bentos, Labirinto Reencarnada e Os Crimes de Preto Amaral” 12º Edital de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Paulo Faria recebeu o Prêmio de Melhor Projeto Visual. Foi indicado ainda a “Ocupação de espaço” e “Trabalho apresentado em espaços não convencionais”, no Prêmio CPT. Resultou ainda num vídeo documentário “Trilogia Degenerada” e uma publicação em um caderno, com mesmo título

“Meio Dia do Fim” foi Indicado ao Prêmio Shell de Melhor Autor (Paulo Faria) e foi indicado também a Melhor texto e Elenco (Marilza Batista e Paulo Faria) no Premio CPT. Participou da Mostra Território de Teatro em Belém do Pará, Festival de Ponta Grossa no Paraná e Festival de Teatro de Cubatão SP. Participou das Viagens Teatrais do SESI. Além de Marilza Batista, participaram as atrizes Cris Rocha e Graciana Magnani integraram o elenco. Ainda permanece em circulação.

## 2011

“Cine Camaleão, a Boca do Lixo” 18º Edital de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Teve 3 indicações ao premio Shell: Melhor Autor (Paulo Faria), Melhor Cenário (Paulo Faria e E. F. Kokotch) e Melhor Figurino (Paulo Faria e E. F. Kokjotch), 3 indicações ao Premio CPT Melhor elenco (Mel Lisboa, Roberto Leite, Beto Magnani, Lorena Mesquita, Thais Aguiar e Juliana Fagundes) e Melhor Projeto Visual. indicação ao prêmio Governador do Estado de SP. inaugurou a Sede Luz do Faroeste na Rua do Triunfo, 305 e verticaliza os estudos sobre rua e do entorno das estações da Luz. Resultou num vídeo documentário “Bate Boca” e uma publicação em caderno “Cine Camaleão, a Boca do Lixo”.

## 2012

“Borboleta Azul” PROAC Ação Cultural/Secretaria do Estado de Cultura. Projeto Circuito Cultural Paulista levou o espetáculo por 8 cidades do interior de SP.

# Histórico da Companhia

## 2013

21º Edital de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo Projeto Boca Livre – Montagem do espetáculo "Homem Não Entra" indicação ao Prêmio Acessibilidade 2013 na categoria cidade e finalista do 7º Prêmio QUEM Acontece como melhor direção para Paulo Faria. Resultou em 2 publicações cadernos, Homem Não Entra e Faroeste, 15 anos (com textos montados fora da Lei de Fomento) e um vídeo documentário Homem Não Entra.

“Ciclo de Olhares Luz e Sombra de São Paulo” em parceria com o SESC Bom Retiro com palestras-debates, oficinas, performance e a Intervenção Urbana Luz e Sombra de São Paulo – maior em vídeo mapping da América Latina. Aconteceu em frente ao antigo DOPS, por conta dos 50 anos da ditadura, e tratava de temas como a Cracolândia, migração, ocupações e prostituição. O projeto partiu de cartas de amor da população para a região da Luz e envolveu mais de 100 pessoas no dia da Intervenção.

## 2014

24º Edital de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo - Frente Negra. Estreia dia 14 de outubro da peça o “Luz Negra”. Luz Negra recebeu Indicação de Melhor Figurino nos Melhores do Teatro R7 2014 e indicação melhor musical de 2014 pelos leitores do Guia da Folha.

## 2015

### Cidadão SP

A atriz Mel Lisboa ganhou o prêmio Prêmio Cidadão SP, do Catraca Livre, em parceria com a USP Cidades e Agência Tudo, na categoria Cultura pela parceria com o Pessoal do Faroeste na região da Luz.

Cordão do Triunfo saiu no domingo de carnaval pelo terceiro ano consecutivo. Neste dia foi gravada a cena final do filme.

### Prêmio Shell - Inovação

Cia Pessoal do Faroeste ganhou o Prêmio Shell na categoria Inovação pelo trabalho de ocupação e intervenção social e artística que contribuiu para transformação e revitalização urbana da região da Luz.





# Luz Negra

CIA PESSOAL DO  
**FAROESTE**



Luz Negra - Foto: Bob Sousa

“Luz Negra” é um musical sobre a região da Luz e a Frente Negra Brasileira em São Paulo nos anos 1930. O movimento Frente Negra foi criado em 1931 e revela várias facetas da participação dos negros no contexto político, cultural e social da época. Com a instauração da ditadura do "Estado Novo" no dia 10 de novembro de 1937, a Frente Negra Brasileira, assim como todas as demais organizações políticas, foi extinta. Este será o dia em que se passa a peça que inicia após o crime do castelinho da Rua Apa retratado no espetáculo Cine Camaleão.

Uma rádio nos anos 30 é o cenário onde se passa a trama. O samba é o tema musical da peça com composições inéditas e interpretações ao vivo. Os negros fazem parte do núcleo de uma elite intelectual paulistana e os brancos da marginalia social, desenvolvendo uma dramaturgia em que os primeiros são protagonistas desta história.

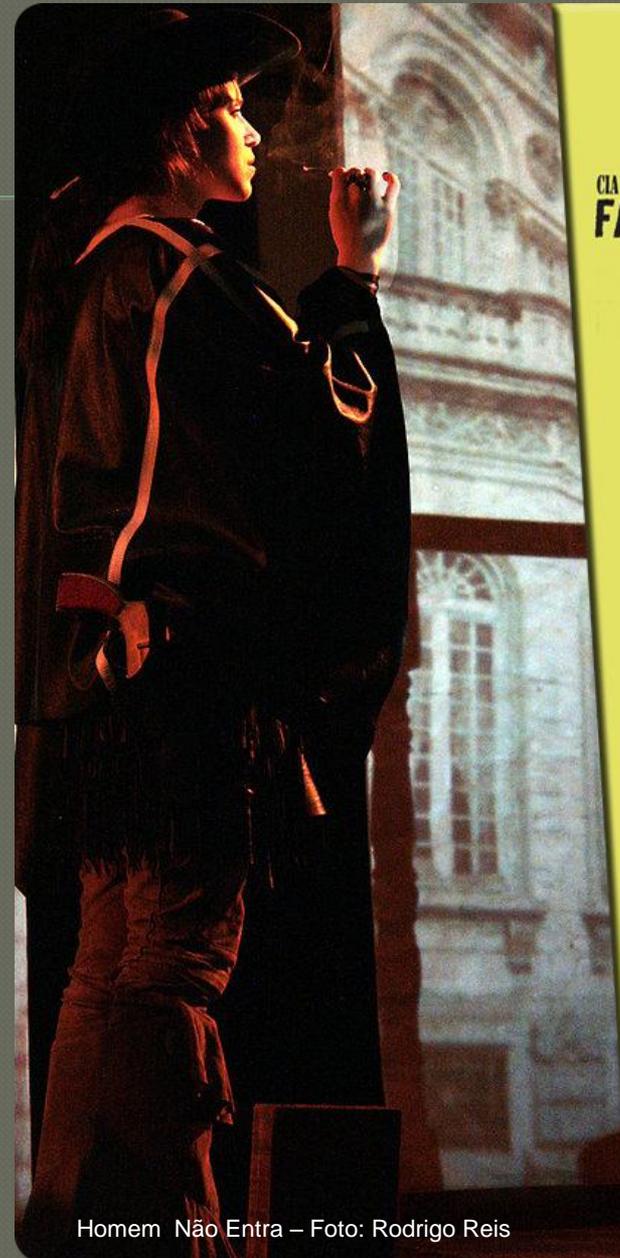
Outro ponto tratado no espetáculo é o cinema. Nesta década de 1930 as distribuidoras de filmes internacionais começam a ocupar a Rua do Triunfo, que viria a se tornar entre as décadas de 1950 e 1970 a maior produção de cinema do Brasil, quando neste período os cineastas e produtoras se mudam também para região da Boca do Lixo. O filme está em etapa de finalização e será lançado ainda este ano. Para esta montagem o Pessoal do Faroeste convidou atores negros com experiência na pesquisa da cultura negra no Brasil, para somar, trocar experiências e saberes – integrando assim o elenco da montagem. Mel Lisboa será a única atriz da Cia que fecha uma trilogia sobre a Boca do Lixo, envolvendo “Cine Camaleão” e “Homem Não Entra”.

## Homem não Entra

"Dia 30 de dezembro de 1953. O então prefeito da cidade de São Paulo, Jânio Quadros, expulsa da Zona Livre, no Bom Retiro, mais de mil prostitutas. A Rua do Triunfo, suas paralelas e transversais passam a abrigá-las inaugurando o Quadrilátero do Pecado ou a Boca do Lixo."

É este o mote do espetáculo "Homem Não Entra", estreou no dia 4 de maio e ficou em cartaz até 30 de setembro na sede Luz do Faroeste.

A peça "Homem não Entra" foi convidada para participar da mostra 2013 Rm Cena, que convida os melhores espetáculos do ano e se apresentou no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes .



CIA PESSOAL DO  
**FAROESTE**

Homem Não Entra – Foto: Rodrigo Reis



# Intervenção Luz e Sombra de São Paulo



Intervenção Urbana Luz e Sombra – Foto: Rodrigo Reis

“Na véspera do aniversário dos 50 anos da ditadura militar, o espaço é ainda pertinente e potente para uma reflexão sobre a herança desse período, e também, para a sua resignificação, de passar a história a limpo com suas sombras e buscar entender a região” (Paulo Diretor da Cia)

Intervenção urbana que representou o fechamento do projeto Ciclo de Olhares Luz e Sombra de São Paulo.

Uma parceria entre o SESC Bom Retiro e Cia. Pessoal do Faroeste

6 plataformas, 6 coros, 6 atores e 6 cartas de habitantes de São Paulo contracenam com projeções que ocuparam o espaço com vídeo mapping.

O Ciclo de Olhares Luz e Sombra de São Paulo propiciou durante três meses um ambiente de debate e expressão acerca do espaço público urbano, abordando a região da Luz e seus arredores e a ocupação do Centro de São Paulo. Subvertendo a ideia convencional de seminário, teoria e prática se aproximaram, conjugando palestras-debates, oficinas e um laboratório poético-urbano de performances, que serviram de matéria prima para a intervenção urbana “Luz e Sombra de São Paulo” realizada do dia 15 de dezembro na frente do antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DOPS/SP).

Mais informações: [sescsp.org.br/ciclodeolhares](http://sescsp.org.br/ciclodeolhares)



# Luz Solar e Programa De Braços Abertos 2014

Pessoal do Faroeste em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura



Palco de Braços Abertos - Virada Cultural - Foto: Priscila Machado

## Espaço de reflexão e intervenção com os usuários de crack na região da Luz.

- Virada Cultural: Curadoria e produção do Palco Braços Abertos na Rua Helvética com a Dino Bueno com 25 atrações: grafite, shows musicais, performances, apresentações circenses e teatrais. Também na Virada Sede Luz do Faroeste com 7 espetáculos teatrais e performances
- Desde maio de 2014 a Cia desenvolve Intervenções artísticas com os usuários de crack (encontros semanais nos finais de semana) utilizando linguagens musicais, poéticas e teatrais.

Apresentação Palco da Virada Cultural Cabaret do Triunfo com grupo de usuários do projeto

## Residência Artística Amarelinho da Luz



A Residência Artística Amarelinho da Luz aponta para uma construção de eventos, experiências e intervenções a partir da organização e administração coletiva de um edifício histórico no cruzamento da rua General Osório com a rua do Triunfo. Com dez ateliês, sede dos grupos ocupantes divididos entre os seguimentos de teatro, cinema e outras linguagens, uma hospedaria e uma sala de ensaio compartilhada, o espaço se redesenha como mais um ponto em São Paulo de construção de ações públicas político-culturais.



## Pessoal do Faroeste 18 anos: Cartografia Afetiva do Quadrilátero do Pecado

PESSOAL DO  
FAROESTE 18 ANOS: UMA  
CARTOGRAFIA  
AFETIVA DO  
QUADRILATERO  
DO PECADO

O Projeto *Pessoal do Faroeste 18 anos: Cartografia Afetiva do Quadrilátero do Pecado* tem como objetivo produzir um mapeamento cartográfico afetivo de todos os moradores do entorno da Sede do Faroeste, conhecido como “quadrilátero do pecado”, entre as avenidas Mauá, Ipiranga, São João e Duque de Caxias: A Boca do Lixo. O morador ou trabalhador do entorno é convidado de porta em porta pra assistir a peça musical Luz Negra e as novas diárias pra finalização do filme Luz Negra.

Ao longo de do projeto, é formado um ambiente de estudo, reflexão, trocas, formação de plateia e discussão de políticas públicas.

## Movimento “Triunfo, a volta”

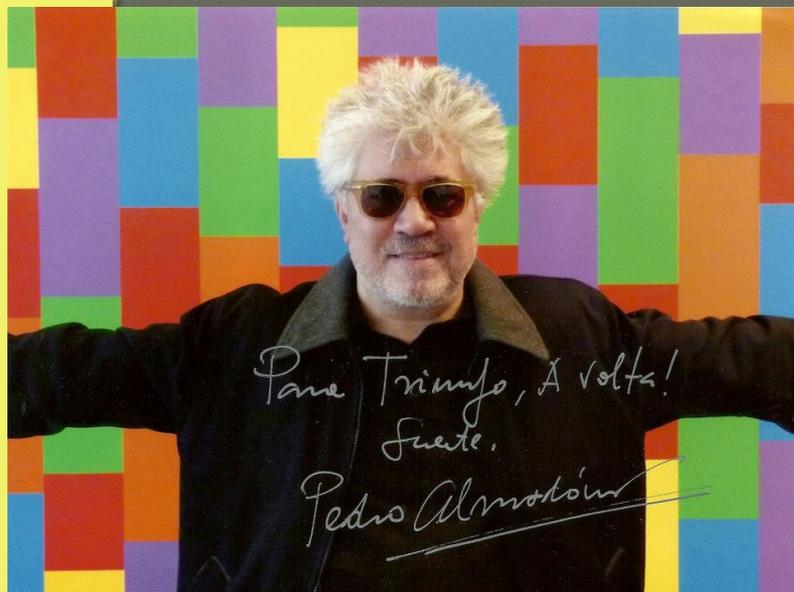


foto que ilustra o flyer de divulgação é do diretor Pedro Almodóvar e foi enviado ao movimento “Rua do Triunfo, a Volta”, lançado em 26 de julho de 2014, que pretende requalificar a rua que concentrou a produção cinematográfica, entre os anos 1960 e 1980, que ficou conhecida como Boca do Lixo, ao lado de parceiros que já a ocupam e que desejam torná-la um polo cultural para a cidade.

As ações previstas pelo movimento pretendem refazer sua iluminação, transformar a calçada na calçada da Lama, com a história dos homens e mulheres que passaram por ela; retornar o nome para a nomenclatura “Triunfo” e principalmente voltar a ser chamada de Boca do Lixo, agregando ao nome o valor que o local tem reconhecido internacionalmente. Foi criado um diálogo com a Secretaria Municipal de Cultura para trazer para a Rua, a SPCINE, fomentando e atraindo de volta para a rua produtores, artistas, atores e técnicos de cinema.

### **Boca do Lixo**

Primeiramente, na década de 1930, as distribuidoras se mudaram para a rua e a partir da década de 1950, as produtoras, sendo que seu auge se deu entre as décadas de 1960 e 1970, com a vinda de cineastas e atores. Atualmente, além da produtora Massaini (“Pagador de Promessas”, “Amor Estranho Amor”, “Independência ou Morte” e outros), que está na rua há 60 anos, somente o Pessoal do Faroeste realiza atividades culturais permanentes. Além deles, na Rua Gusmões, a família Ciocler mantém uma montadora de cinema desde a década de 1930.

# Diretor do Pessoal do Faroeste, Paulo Faria



Recebeu o Prêmio Coca Cola de Direção por Um Certo Faroeste Caboclo/1999, que ganhou ainda Melhor Coreografia e foi indicado como Autor, Espetáculo, Música e Atriz, no mesmo ano teve 2 indicações ao Prêmio APETESP. Recebeu o Prêmio Nacional Plínio Marcos de Dramaturgia/2000 pelo texto A Mulher Macaco. Prêmio CPT de Projeto Visual pela Trilogia Degenerada/2010. Foi indicado 4 vezes ao prêmio Shell, 2 vezes como autor (Meio Dia do Fim/2010 e Cine Camaleão/2012) e Figurino e Cenário (Cine Camaleão), além de indicação ao Prêmio Governador do Estado de São Paulo (Cine Camaleão). Em 1014 o Pessoal do Faroeste recebeu o Prêmio Shell na categoria Inovação pelo trabalho de ocupação e intervenção social e artística que contribui para transformação e revitalização urbana da região da Luz. Todos os prêmios na Cia Pessoal do Faroeste, da qual é um dos fundadores há 15 anos. Durante mais de dez anos trabalhou como ator, autor e diretor de teatro em Belém – PA – 79/89. Há 24 anos em São Paulo, cursou Letras na Universidade de São Paulo-USP. Atua profissionalmente em várias atividades em Teatro, nas áreas de cenografia, dramaturgia, produção e direção, sendo a dramaturgia e direção sua principal atividade profissional e de estudo.

Participou em 1994 da oitava edição da ISTA -Internacional School of Theatre Antropology, sob coordenação de Odin Teatret e Eugênio Barba, pela Universidade Estadual de Londrina/PR. Foi diretor de produção do espetáculo As Polacas, com direção de Iacov Hillel. Foi produtor executivo do espetáculo Apocalipse 3:11, do Teatro da Vertigem, em São Paulo, e no Festival Internacional de Teatro em Caracas, em 2001. Exerceu a mesma função na primeira fase do processo de Os Sertões do Teatro Oficina, e também na temporada do Teatro João Caetano do espetáculo Tauromaquia, da Cia. Balagan, em 2005. Foi Coordenador de Artes Cênicas do Teatro FAAP, em 1995/6, coordenador de Cultura do CEU Butantã/2005 e coordenador pedagógico do Projeto Teatro Vocacional da Secretaria Municipal de Cultura/2007/08/09. Foi coordenador pedagógico do Projeto Ademar Guerra de Orientação Teatral do interior de São Paulo, pela Secretaria do Estado de Cultura. Atualmente integra o Conselho Consultivo da Ouvidoria do Estado de SP



PAULO FARIA  
DIRETOR



# Clipping

Vídeo

Repertório de 15 anos do Pessoal do Faroeste

<http://www.youtube.com/watch?v=wHIP4m5DNQE>

Matérias

**TEATRO E DANÇA**

## SOBRE DERROCADAS E TRIUNFOS

Rua paulista, que já abrigou um pequeno polo cinematográfico e hoje faz parte da Craquelândia, serve de inspiração e sede para o grupo Pessoal do Faroeste. por MARIANA BELINI / FOTO: LUY MARRASCO

O bar Sobram, na rua do Triunfo, durante os anos 70. Equipe de cinema se concentra ali.

**TEATRO E DANÇA**

**H**á duas ruas na rua do Triunfo. A primeira é Rua do bairro de Santa Ifigênia, região central de São Paulo, tem cinco quadras e ocupa a avenida Ipiranga do largo General Osório. Para percorrer sua pé, basta-se menos de dez minutos. Sem muito movimento de carros e situada numa parte da cidade que desde a década dos 60 é conhecida como Craquelândia, devido à concentração de usuários de crack e céu aberto, essa rua ainda em suas calçadas prefere bustos, esculturas e lojas-comércio entalhadas de impressoras obsoletas e velhos computadores de cor bege. Quase nada resta do burburinho de antigamente, quando a região, apelidada de Boca da Lixa, era frequentada tanto pelos viajantes hospedados nos hotéis das redondezas quanto pelos artistas de um pequeno polo cinematográfico que se desenvolveu por lá entre o final dos anos 60 e começo dos 80.

A outra rua do Triunfo tem seu acesso justamente pela primeira, lá logo se entra no prédio número de número 701, parte de largo General Osório. O pequeno galpão de dois andares abriga a sede do Pessoal do Faroeste, grupo que encena ali o espetáculo Cine Camaleão - A Boca de Lixa. Indicado apenas como o Show e da Cooperativa Paulista de Teatro, a peça transporta o espectador para um lugar simbólico: uma rua do Triunfo que, localizada na Boca da Lixa de 1940, transcende o passo do real do degradado endereço.

Neerada, a produtora Cine Camaleão, diretora Tony Rito, recebe a visita do crítico Wanda Scarfatti, que apresenta uma proposta teatral para a filmagem do filme Faroeste no Rio de Janeiro. Ela espera fazer há anos, desde que ela se mudou no roteiro a primeira cena de seu espetáculo de Brasil - protagonizada por ela mesma. A peça mistura a projeção da longa já realizada e flashbacks e um momento em que Wanda assiste à fita, ansiosa por ver a cena crítica.

Os atores da Companhia Pessoal do Faroeste posam na frente da nova sede. O grupo apresenta o espetáculo Cine Camaleão - A Boca de Lixa, que se passa na rua do Triunfo.

# Clipping

cmais.com.br/arte-e-cultura/ocupacao-criativa-no-centro-de-sp

**CMAIS** CURSOS JORNALISMO ARTE & CULTURA EDUCAÇÃO  
CULTURA *abraçe* ABRACE O NOVO, ABRACE CULTURA. PROGRAMAS GRADE DE PROG

## Ocupação criativa no centro de SP

A Cia. Pessoal do Faraeste faz de sua existência um ato político e dá nova perspectiva à região da Cracolândia

Rafael Cruz Arte & Cultura  
27/05/13 19:45 - Atualizado em 27/05/13 21:11 8+1 Curtrir Compartilhar 262 Tweet 1



Na esquina da Rua do Triunfo com a General Osório, onde o samba e o cinema se encontram, a Cia. Pessoal do Faraeste inicia uma ocupação cultural inovadora.

Será no "Amarelinho", imóvel nº 23 da General Osório, que abrigou nos últimos anos o atelier da artista plástica Maria Bonomi - neta de Giuseppe Martinelli, construtor do Edifício Martinelli -, onde cinco companhias teatrais mais cinco produtoras de cinema terão espaço garantido para realizar suas atividades.

A ideia é resgatar a aura da região, conhecida como Boca do Lixo, que nas décadas de 1920 e 1930 sediou os escritórios da Paramount, Fox e Metro, além de distribuidoras e fábricas de equipamentos cinematográficos e voltou a evidência entre os anos 1960 e 1980 com o cinema marginal e as pornochanchadas. Verdadeiro reduto do cinema nacional, origem da fama de nomes como Rogério Sganzerla, Ozualdo Candeias, Júlio Bressane e Zé do Caixão.

Seu Raimundo, como é conhecido o proprietário do imóvel natural de Euclides da Cunha, na Bahia, e que veio para São Paulo como auxiliar de cozinha, possibilitou o uso dos três andares do edifício para a ocupação coletiva, que será coordenada por Paulo Faria.



ARTESANATO  
CINEMA  
CULTURA





# Clipping

Cultura

## SP: Na Luz, o negro é representado em peça sobre a Frente Negra Brasileira

Isabela Palhares



postado em: 24/11/2014

Rua do Triunfo, 301, São Paulo, Centro (ou a antiga região da Boca do Lixo, chamada assim nas décadas de 20 e 30 e que se estendia pela Luz e seus arredores) - É nessa rua que, à época, estavam as produtoras de cinema Fox, Paramount, entre outras. Um verdadeiro reduto do cinema independente brasileiro e que, nos dias de hoje, se localiza a Sede Luz do Faroeste, da Cia. Pessoal do Faroeste.

"Dialogando com a história da rua, trazemos o público para um local que, por ser conhecido como Cracolândia, o faz sentir intimidado. Temos uma relação de pertencimento com esse local, condiz muito com a peça", disse o diretor Paulo Faria.

Graças a **Lei de Fomento ao Teatro** para a cidade de São Paulo - programa que tem por objetivo revitalizar áreas degradadas, inaugurando novos espaços teatrais e levar o teatro às ruas, seja no centro ou na periferia - a Sede Luz do Faroeste funciona a todo vapor. Em sua trilogia mais recente, o diretor Paulo Faria nos apresenta a peça Luz Negra. Sendo continuação das peças "Homem não Entra" e "Cine Camaleão", "Luz Negra" caminha pelos passos dos negros e negras que representavam a **Frente Negra Brasileira** na era Vargas desde 1931, em sua criação, à 1937, quando foi instalado o Estado Novo, e partidos políticos foram cassados (a Frente Negra se tornou partido em 1936).

Com um elenco majoritariamente negro (6 atores), com exceção de 3 atores brancos, Mel Lisboa, David Guimarães e Leona Jhovs, a peça discorre sobre os programas da Rádio Luz Negra na década de 30 e a atuação dos apresentadores na Frente Negra, entre outras histórias paralelas.

O movimento conhecido por agir em prol das reivindicações da população negra no Brasil, contou com a ajuda de ícones como Abdias do Nascimento, principal denunciante do racismo no país e construtor de organizações negras que pretendiam pensar uma produção intelectual e artística legitimamente negra, a partir dos anos 40. Abordado na peça, se mostrou presente para a platéia que, se não o conhecia, passou a conhecer e admirar.

Também presentes na peça estavam Luis Gama, um dos principais abolicionistas da história do país, poeta, advogado e jornalista e Geraldo Filme, com seu samba paulista, autor de "Silêncio no Bexiga" e "Tradição". Figuras importantíssimas na evolução do movimento

no Brasil.

"Brincamos muito com a realidade e a ficção, abordando Luis Gama e Abdias, mas também a história de uma advogada negra na década de 30 que nunca existiu. Tentamos resgatar na mente do paulistano a herança negra que este estado tem e a forte presença que o movimento teve na época", afirmou Faria.



Segundo Paulo, a ideia do projeto é disseminar para todo o tipo de platéia a herança afrobrasileira. Infelizmente, os veículos de imprensa que retrataram a peça - como o Globo e a Folha de São Paulo - não seguiram a mesma ideologia. Esqueceram de falar do negro e focaram na atuação de uma das únicas atrizes brancas da peça e a mais famosa, Mel Lisboa. "Me decepcionei muito com a cobertura da imprensa, é uma questão discutida entre os atores da peça. Mesmo assim, temos a opção de entender os objetivos de certos jornalistas e não concordar," disse Mel.

O ator Raphael Garcia, que interpreta José Correa e personifica Luis Gama, pertence ao grupo de teatro Coletivo Negro e diz se sentir "preenchido de sentido por levar a questão negra, um tema pouco abordado no Brasil, a um espaço diverso para um público diverso." Os familiares dos atores assistem à peça eventualmente e, segundo Raphael, "se sentem realizados por seu passado estar sendo retratado".

Segundo Cloddoaldo Dias, ator que interpretou Orland Claude, "é uma raridade hoje em dia ter tantos artistas negros em cena. Relembramos o movimento da década de 30 que eu mesmo não conhecia antes de fazer a peça. Trazer isso ao conhecimento do público é extremamente gratificante. Aprendi muito com a peça, me aprofundi na cultura negra e espero que o público também tenha se inserido no ambiente".

Claviane, que estava na platéia, trabalha como agente de saúde e na Cia. De Teatro de Heliópolis, "amei a peça, primeira vez que vejo e posso dizer que me sinto representada, por saber das histórias de Luis Gama e de muitos negros que não são lembrados. Como educadora, é um aprendizado que passarei adiante".

Num país racista como o Brasil, e numa capital conservadora como São Paulo, a existência de peças como "Luz Negra" nos faz criar esperança na disseminação da igualdade racial. Projetos como este do diretor Paulo Faria são exemplo de afirmação da história negra nas mentes dos paulistas e brasileiros. A peça está em cartaz às terças e quartas-feiras às 21h, até março de 2015. A entrada custa uma contribuição simbólica.

## MÔNICA BERGAMO

[monica.bergamo@grupofolha.com.br](mailto:monica.bergamo@grupofolha.com.br)

### NUVEM CARREGADA

As chuvas dos últimos dias não mudaram o humor da diretoria da Sabesp. Apesar das manifestações públicas de otimismo e esperança do governo de SP, a adoção do rodízio de água ainda é considerada na empresa a hipótese mais provável para enfrentar a crise hídrica.

### GOTA A GOTA

Um dado é acompanhado com lupa pela direção da companhia: a vazão da água que corre para o sistema Cantareira. Nesta semana, ela chegou a 78,21 m³/s, maior do que a média histórica para o mês, de 72,9 m³/s. Mas isso só ocorreu em poucos dias, insuficientes para reverter o quadro de tensão.

### POUPANÇA

E a empresa deve discutir nas próximas semanas o seu balanço e a possibilidade de distribuir lucros a seus acionistas, relativos a 2014. O conselho deve votar pela distribuição mínima exigida por lei, de 25%. Nos últimos anos, o percentual esteve acima deste patamar.

### POUPANÇA 2

A crise hídrica tem se refletido nas finanças da Sabesp. Além de redução do consumo de água, a companhia vê suas receitas baixarem por causa do desconto na conta dado aos clientes que economizam água.



Mel Lisboa



David Guimarães



Nátalia Ribeiro



Kim Bins

### FILMANDO A FOLIA

A atriz Mel Lisboa foi a madrinha do bloco Cordão do Triunfo, que saiu no domingo (15), no centro de São Paulo. Afirmá da atriz, Kim Bins, acompanhou o grupo, assim como os atores Mariza Junqueira, Nátalia Ribeiro e David Guimarães. Durante o desfile foram gravadas cenas do filme "Luz Negra", baseado na peça de mesmo nome, e realizado pela Cia. Pessoal do Faroeste.



Mariza Junqueira

Fotos Greg Saibin/Folhapress

## Brasiliana



Paulo Faria, diretor do grupo Pessoal do Faroste

### Pedras, músicas, palavras e afeto

A experiência dos artistas que tentam se conectar aos viciados na Cracolândia

POR ANA PAULA SOUSA

**N**O FLUXO, vive-se um tempo no qual não há horas e uma realidade da qual o delírio faz parte. Fluxo é o nome dado ao pedaço do Centro de São Paulo onde o crack é consumido e vendido livremente. Nesse lugar, geralmente interdito a forasteiros, os artistas do projeto

Luiz Solar tentam levar músicas, palavras e sons.

Parte do programa Braços Abertos, que desde janeiro busca novas abordagens para o problema do crack na região da Luz, o projeto de intervenção artística prevê a realização de oficinas ligadas à expressão corporal, percussão, teatro

e música ao longo de um mês, de 24 de maio a 15 de junho. Os encontros acontecem nas tardes de sábado e domingo.

"A receptividade tem sido boa, e hoje, pela primeira vez, tentaremos entrar no Fluxo", diz Paulo Faria, diretor do grupo teatral Pessoal do Faroste, enquanto caminha pela Avenida Rio Branco. É ele quem coordena os cerca de dez voluntários que deixam a sede da companhia, na Rua do Triunfo, rumo à tenda do Braços Abertos, espaço sob responsabilidade da prefeitura localizado na Rua Helvétia, a poucos passos do Fluxo.

Na tenda, a chegada do grupo não chama atenção dos usuários que assistem a um filme na tevê de plasma. O vaivém de gente de fora — de autoridades a equipes de reportagem — parece ter se tornado rotina. Nasafida, os artistas tentam aproximar-se

Antes de se perder no "Fluxo", um homem promete: "Vou mandar ofício e determinar que vocês venham um dia sim e outro também"



**Aprendizado.** Os voluntários discutem os resultados de um dia na Cracolândia, quando tentaram estimular os usuários a expressar seus sentimentos

do Fluxo. Postam-se do lado oposto da calçada. Um planta bananeira. Outro, caneta e papel na mão, senta-se a uma mesa. Sobre sua cabeça, um cartaz pergunta: "O que você diria numa carta?" Eliana Bolanho e Vera Abbud, da trupe As Graças, o videomaker Diário José são os primeiros a pisar no Fluxo. Enquanto ele grava uma entrevista com Cabelo, "comerciante" que faz escambo com cachimbos, traquitanas e Bilhete Único, as atrizes pegam o violão e começam a cantar.

Milena, gorro na cabeça e cachaça na mão, encanta-se com o dueto feito ao pé do ouvido: *Moreninha, se eu te pedisse/ De modo que ninguém visse/ De modo que ninguém visse/ Um beijo, tu me negavas.* Com seu fiapo de voz, Milena retribui a canção e improvisa versos em ritmo de rap: *A galera manda um abraço/ Pro pessoal do poeta (...)/ O violão eu adoro/ Mas isso eu não sei tocar (...)/ Mas uma música pra você/ E aí eu vou embora/ Porque a cachacinha aqui/ Não pode se acabar (...).* Ao fim, apertadas mãos de todos que estão na roda. "Beijo, galera. Obrigada, meninas. Que deus abençoe vocês".

Imediatamente, Moisés, recém-chegado de Porto Seguro e alojado em um al-

bergue, pede o violão e começa: *Um velho cação de banho/ o dia pra vadear...*

Ao fundo, a silhueta da estação Júlio Prestes. À esquerda, o terreno cercado: "Futuras instalações do Corpo de Bombeiros — É Proibida a Entrada". Em torno da roda, isqueiros, cachimbos, garrafas PET com pinga, pedaços de guarda-chuva, encoitos de cadeira, pés de sapato sem par, embalagens de cigarro Eight, caixas de leite Italc. Moisés não para: *Temos nosso próprio tempo/ Temos nosso próprio tempo...*

**De repente, uma moça** magérrima, cambaleante e, de vestido azul-celeste, também azuis, captura o olhar do músico. Moisés olha para ela, para as atrizes, para a roda que cresce e transforma usuários em *backing vocals* e percussionistas, e diz: "Posso cantar mais uma? Isso é pra todos nós aqui".

*A paz/ invadida o meu coração/ De repente, me encheu de paz...*

Alguns usuários erguem os braços no ritmo da música. Os forasteiros ficam com os olhos rasos d'água. O sarau de Moisés dura mais de uma hora. Relatos saídos da pedra se embaralham às le-

tras das canções. Enquanto ele canta, *Pai Tal* fala de antigos mortos e chora diante do inexplicável que o subconsciente traz à tona. Hélio, que passou três anos livre do vício, lamenta ter sucumbido de novo. Um jovem de ar esquivo xinga policiais e "maloqueiros" que não existem.

As duas horas e meia passadas no Fluxo voam. São tensas. Afetuosas. Poéticas. Um senhor carioca, tipo distinto e engraçado, discursa: "Eu vou mandar ofício e determinar que vocês venham aqui um dia sim e outro também. Vou colocar na Constituição. Quero agradecer vocês. Mas eu estou com pressa e já estou indo embora".

Ele segue para o meio do Fluxo, onde ficam os traficantes, e some entre centenas de homens e mulheres fechados em seus mundos silenciosos. Os artistas também partem. De volta à sede do Pessoal do Faroste, fazem um balanço da tarde. Dividem impressões, experiências e medos. Paulo Faria pondera que eles não são psicólogos nem assistentes sociais: "Não sabemos onde essa loucura vai dar. Mas sinto que construímos algo potente. Estamos, com a arte, criando uma zona de afetividade e fazendo uma intervenção poética". É um começo. •

# Clipping

FOLHA DE SAULO  
QUARTA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 2014 R\$ 1

**ilustrada**

LIVROS  
Setor cresce pouco, puxado por compras do governo  
Pag. 18

Imaz Buchmann (À esq.) e Anderson Negreiro em uma peça 'Frida Kahlo - Cabe e Fide'

**Teatro abre seus bastidores ao público**

Grupos dramáticos incluem plateia no processo de criação promovendo discussões sobre peças e desmistificando a arte

exercícios cênicos e oficinas buscam aproximação entre artistas e espectadores

MARÍA LUIZA BARSANELLI  
de Lisboa

Artistas têm recorrido com frequência a uma ferramenta usada em pesquisas teatrais: mostrar ao espectador um "making of" do processo de criação do espetáculo. O objetivo é criar aproximação maior com o público. Antes da estreia da peça, autores, diretores e atores oferecem ensaios abertos e discussões sobre a obra em gestação. E, depois da temporada, programam debates, bate-papo e oficinas para explicar o processo de criação e as referências do trabalho.

Paulo Faria, diretor da companhia Pessoal do Faroeste, diz que o teatro se "fechou" ao público a partir dos anos 1980, com a popularização da TV. "Ao mostrar o processo, a gente se reaproxima de uma experiência diferente, que é a do teatro das décadas de 1950, 1960 e 1970."

"Essa época, a plateia era muito próxima do fazer teatral, conhecia os autores e as ideias dos grupos nascidos nesse período", afirma. O Pessoal do Faroeste realizou no último mês o ciclo de palestras e bate-papos sobre a peça "Luz e Sombra", com estreia prevista para novembro. Por pesquisador o centro de São Paulo, onde está localizada sua sede, a companhia recebe muitas montagens da região. Boa parte, diz Faria, não tem relação com artefatos, mas está presente não só nos espetáculos, mas em atividades paralelas que envolvem essa interação entre grupo e público.

A contadora Saffra Suzzi, 51, conheceu o Pessoal do Faroeste no ano passado, quando foi contratada para o Bom Retiro e viu uma performance do grupo. Depois, participou de uma oficina da trupe na qual o público escrevia cartas. Seu texto foi selecionado

66 **“Ao mostrar o processo de criação, a gente se reaproxima de uma experiência diferente, do teatro das décadas de 1950, 1960 e 1970. Naquela época, a plateia era muito próxima do fazer teatral, conhecia os autores e as ideias dos grupos nascidos nesse período”, afirma.**

Paulo Faria, diretor da companhia Pessoal do Faroeste, diz que o teatro se "fechou" ao público a partir dos anos 1980, com a popularização da TV. "Ao mostrar o processo, a gente se reaproxima de uma experiência diferente, que é a do teatro das décadas de 1950, 1960 e 1970."

"Essa época, a plateia era muito próxima do fazer teatral, conhecia os autores e as ideias dos grupos nascidos nesse período", afirma. O Pessoal do Faroeste realizou no último mês o ciclo de palestras e bate-papos sobre a peça "Luz e Sombra", com estreia prevista para novembro. Por pesquisador o centro de São Paulo, onde está localizada sua sede, a companhia recebe muitas montagens da região. Boa parte, diz Faria, não tem relação com artefatos, mas está presente não só nos espetáculos, mas em atividades paralelas que envolvem essa interação entre grupo e público.

“Descartes com Lentes”, segundo de debate com o público, no projeto El Logo Ali, um casarão ocupado pelo Sesc Ipiranga (leia no lado).

Abreva conta que o que o atrai nesse tipo de evento é perceber a forma como o trabalho toca os espectadores. Os participantes, segundo ele, têm perfis variados. “Uma vez recebemos uma empresária que se interessou pelo tema da peça ‘O Que Eu Gostaria de Dar’ (com lançamento da novela, fomenta relações entre o espetáculo e questões corporativas).”

Também no espaço do Sesc, o diretor Felipe Hirsch fez ensaio aberto de “Puzzle D’”, peça em estreia prevista para este ano. Ele diz que cada vez mais se vale desse método de abrir o processo de construção do espetáculo ao público e que o faz até para a minissérie “A Menina sem Qualidades” (2013), que foi exibida pela MTV. “Uma maturidade revelar o processo.”

“Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público.”

Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público.

Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público.

## Sesc ocupa casarão com projetos para envolver plateia no trabalho

de São Paulo

Enquanto o Sesc Ipiranga passa por uma reforma, que deve durar até o fim do ano, a unidade ocupa um casarão ao lado da sede, em um projeto intitulado El Logo Ali.

O espaço temporário (alugado ao Sesc por uma ONG) mantém o aspecto de casa e abriga obras que buscam proximidade com o público. “Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público.”

Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público.

Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público. Quando se trata de uma oficina, o aspecto de casa é importante, pois cria proximidade com o público.



Marcio Abreu (segurando o espelho) e a plateia em debate sobre 'Descartes com Lentes'

# Clipping



## Caderno 2

Sex and the City quando jovem  
 Uma história como em Carrie Bradshaw na adolescência  
 Pág. C13

A fase Ellis de Daniela Mercury  
 Carreira e música com Andréia Cadaval em um espetáculo na Virada  
 Pág. C19

Mel Lisboa encena peça em plena Cracolândia e assume discurso engajado



### A bela, os sujos e os malvados

**FUJISTA ATENÇÃO**

**1.** Casado e reconhecido, o ator brasileiro de teatro e cinema Mel Lisboa encena a peça "Homem Não Entra", de Rodrigo Pereira e Paulo Faria, no teatro de rua da Cracolândia, em São Paulo. O ator, que também atua no cinema, é conhecido por seu papel de "Miguel" em "O Homem do Saco".

**2.** A história, baseada no livro "Homem Não Entra", de Rodrigo Pereira e Paulo Faria, é ambientada na Cracolândia, um bairro de São Paulo conhecido por sua alta densidade populacional e problemas sociais.

**3.** O personagem Rodrigo, interpretado por Mel Lisboa, é um homem que tenta sobreviver na Cracolândia, onde enfrenta diversos desafios e conflitos.

**PARALELISMO**  
**Fato real inspira trama**

Em situações, o jornalista Luiz Roberto Jardim e a atriz Mel Lisboa se parecem muito. Ambos são de São Paulo e atuam no teatro de rua. Jardim, que também atua no cinema, é conhecido por seu papel de "Miguel" em "O Homem do Saco".

**HOMEM NÃO ENTRA**  
**Bela Luz de Faroeste**

Por Carolin Overhoff Ferreira  
 COLABORAÇÃO PARA A FOLHA



Mel Lisboa como Brigitte em cena de "Homem Não Entra"

**CRÍTICA DRAMA**

### Parábola sobre terra sem lei na cracolândia não convence

CAROLIN OVERHOFF FERREIRA  
 COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Recuar no tempo para criticar a atualidade é habitual no teatro desde Brecht. A ação dramática é situada no passado para acrescentar dimensão alegórica ao debate de questões sociais e morais. "Homem Não Entra", peça escrita por Rodrigo Pereira e Paulo Faria, também responsável pela encenação, não alcança este propósito. O espetáculo surgiu da inquietação da Cia. Pessoal do Faroeste com o descaso e a marginalização históricos da antiga Boca do Lixo e da atual cracolândia, onde tem sede. Cita simultaneamente a expulsão das prostitutas do Bom Retiro para este local em 1953 e o gênero cinematográfico do western spaghetti pa-

ra falar de uma terra sem lei. Personagens, a trama de vingança e a iconografia caubói acabam ofuscando a crítica à ausência do Estado, à corrupção e ao paternalismo. A peça não estabelece a densidade simbólica pretendida ao perder-se nos meandros de um enredo sobre confusas relações familiares e ôbvios conchavos entre crime organizado, política e mídia. A heroína é a prostituta Brigitte (Mel Lisboa), com atos violentos para mudar as regras do jogo. A reinterpretção feminista do western spaghetti fica presa à tipificação. O mesmo acontece com seus antagonistas: o "xerife" corrupto Mardock (Roberto Leite) e o jornalista oportunista Romã (Beto Magnani). Depois de um duelo entre Mardock e o matador Django

(José Roberto Jardim), a protagonista apela ao público que tome uma atitude. É o único momento — encenado na rua em frente do teatro — em que a parábola se cumpre. Há momentos interessantes quando a peça se esquece de sua missão política e foca na paródia e na dinâmica do faroeste, usando as possibilidades cênicas da casa adaptada, do palco estreito, escadas e dois balcões. Fazer teatro político na cracolândia é louvável e necessário. A alusão ao western spaghetti não proporciona o melhor caminho.

**HOMEM NÃO ENTRA**  
 QUANDO sáb., às 23h; e dom., às 17h; até 18/8  
 ONDE Luz do Faroeste (r. do Triunfo, 305; tel. 011/3362-8883)  
 QUANTO Contribuição voluntária (reserva: R\$ 40)  
 CLASSIFICAÇÃO 16 anos  
 AVALIAÇÃO regular



Folha de S. Paulo, Ilustrada, 03/06/2013.



# Clipping

TEATRO

## Arte na Cracolândia

A sede da Cia. Pessoal do Faroeste atrai espectadores para a região central



O diretor Paulo Faria e a atriz Mel Lisboa à frente do grupo; programação de terça a domingo

Inaugurada em 1999, a Sala São Paulo transformou-se em um templo da música erudita em meio à degradada região da Luz. O Museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca e o Sesc Bom Retiro também colaboram hoje para encorajar paulistanos e turistas a frequentar a área conhecida como Cracolândia. A sombra desses monumentos da cultura funciona a Sede Luz do Faroeste, um teatro comandado pelo grupo Cia. Pessoal do Faroeste, na Rua do Triunfo. Com dois espetáculos em cartaz — um terceiro, *Cine Camaleão, a Boca do Lixo*, protagonizado pela atriz Mel Lisboa, encerrou temporada há duas semanas —, o sobrado de dois pisos traz uma programação efervescente, e não é raro ver seus cerca de setenta lugares tomados. Entre outros motivos, pelo fato de que o público paga quanto quer pela entrada. Além de peças, shows, debates e filmes ocupam o local de terça a domingo, com horários que variam das 17 horas às 21h30. Poucos espectadores

aparecem sozinhos. Eles formam grupos em nome da segurança. Quem chega de táxi percebe a resistência dos motoristas, que não aguardam o passageiro com o carro parado.

Fundador da trupe, o dramaturgo e diretor Paulo Faria diz que levou as produções de propósito para o pedaço em 2006. "Trata-se, claro, de um lugar indigesto, mas fazer arte é um ato político e, aqui, vivemos uma realidade que precisa ser encarada", acredita ele, morador de uma quitinete a poucos metros do teatro. "Nunca presenciei um ato violento e sei de apenas um espectador que, vindo do metrô, foi forçado a entregar o celular." A câmera de vigilância da sede, o único aparato ostensivo de segurança por ali, não funciona há tempos e serve apenas para inibir algum criminoso.

Boa parte dos integrantes se engajou na trupe com o mesmo espírito de fazer o que eles consideram ser uma ocupação cultural da Cracolândia. Encantada com o projeto, a atriz Mel Lisboa



Sobrado na Rua do Triunfo: aluguel de 7 000 reais

## DE BELÉM PARA A LUZ

Diretor, dramaturgo e ator, **Paulo Faria** nasceu em Belém (PA) há 47 anos e vive desde 1990 em São Paulo. Estudou letras e literatura brasileira na USP, trabalhou no Teatro Faap e foi produtor de elenco de cinema. Em 19 de janeiro de 1998, data oficial da fundação do grupo, estreou o espetáculo *Um Certo Faroeste Caboclo*, a primeira das catorze montagens da companhia. Eles também já trataram da história daquele que é considerado o primeiro serial killer brasileiro em *Os Crimes do Preto Amaral* (2006) e dos reflexos da II Guerra entre os paulistanos em *Labirinto Reencarnado* (2008).



PAULO FARIAS



*Um Certo Faroeste Caboclo*: a estreia, há quinze anos



Juliana Fagundes, Beto Magnani e Thair Aguiar em *Barboleta Azul*; sessões na sexta

integrou-se ao Faroeste em 2011 e até deixou a comédia *Mulheres Alteradas*, que continua em cartaz e leva anualmente 500 pessoas por sessão ao Teatro Gazeta, na Avenida Paulista. "Nunca entenderia o que acontece no centro se não estivesse aqui", diz a atriz, que, em maio, estreia *Homem Não Entra*, montagem que tratará da prostituição nos anos 50. Quando está participando das produções no local, ela sofre praticamente todo dia a abordagem de um dependente ou morador de rua. "Há pouco tempo, um homem colocou a cara na porta da sede e pediu dinheiro para um sanduíche. Entregamos um lanche, que, depois de uma mordida, ele jogou fora", conta.

Entre 2006 e 2011, a primeira Sede Luz do Faroeste funcionou a 1 quilômetro dali, na Alameda Cleveland. O proprietário do prédio da Rua do Triunfo, um comerciante da região, nem exigiu fiador. Bastou ouvir o nome de Mel para que aprovasse o contrato de 7 000 reais mensais, firmado em janeiro do ano passado. O aluguel da sede, eventuais reformas e a produção das peças são mantidos basicamente com recursos do Programa Municipal de Fomento ao Teatro, ou seja, com dinheiro público. Em dez anos, o Pessoal do Faroeste foi contemplado seis vezes com recursos do Erário e, no mais recente benefício, o grupo levantou 500 000 reais para um período de catorze meses. Cada um dos trinta integrantes — dos artistas aos técnicos — recebe um salário mensal de 1 600 reais. Não há preocupação com a bilheteria. As atrações não fixam ingresso. Um envelope é entregue aos presentes na plateia, e cada um contribui com quanto quiser no fim. "A maioria paga 2 reais, mas já tive 50 e 100 reais, um cheque de 300 reais e até cédulas de 50 euros", garante Faria.

Outra companhia da capital, Os Satyros, realizou um projeto semelhante na Praça Roosevelt. Em 2000, ela fundou por lá seu teatro. O sucesso da empreitada teve um efeito colateral, ajudando a valorizar a área, na época também degradada. Com isso, o preço do aluguel das duas salas que ocupava subiu de 7 500 para 12 000 reais por mês. Agora, o grupo procura nova sede, entre a Praça da Sé e a Liberdade. "O Faria realiza um belo trabalho na Cracolândia", diz o ator Ivam Cabral, um dos fundadores dos Satyros. Parte da vizinhança já sente o efeito. A lancheonete Amarelinho, na esquina da Rua do Triunfo com a General Osório, viu crescer a venda de bebidas e lanches para o público das peças. "Há dez anos, quase fechamos por medo do comércio de drogas", conta Ronilce Mats, proprietária do estabelecimento. "Com a chegada do Pessoal do Faroeste, encontramos um parceiro para lutar ao nosso lado para mudar esse panorama."

DIRCEU ALVES JR.

EM VEJASO PAULO.COM Assista a trechos da peça *Barboleta Azul*: [abr.ia/video-cla-faroeste](http://abr.ia/video-cla-faroeste)



## Contatos

Site: [pessoaldofaroeste.com.br](http://pessoaldofaroeste.com.br)  
Facebook: [/pessoaldofaroeste](https://www.facebook.com/pessoaldofaroeste)  
Email: [pessoaldofaroeste@gmail.com](mailto:pessoaldofaroeste@gmail.com)  
Telephone: 3362-8883



Apresentação do Luz Negra e Bate Boca com Elke Maravilha – 18/03/2015 - Foto: Priscila Machado